ATAS DO SIMPÓSIO
SÔBRE A
BIOTA AMAZÔNICA

VOL. 2: ANTROPOLOGIA

Belém, Pará, Brasil, Junho 6-11, 1966

EDITOR: HERMAN LENT

Publicado pelo
CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
RIO DE JANEIRO, GB
1967

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú
http://www.etnolinguistica.org/biota

Atas do Simpósio sôbre a Biota Amazônica
Vol. 2 (Antropologia): 29-39 — 1967

GRUPOS LINGÜÍSTICOS DA AMAZÔNIA

ARYON DALL'IGNA RODRIGUES
Museu Nacional, Rio de Janeiro, Guanabara

O primeiro fato que deve ser assinalado neste momento, ao tratar-se das línguas indígenas da Amazônia, é a radical mudança que agora se está operando no conhecimento científico dessas línguas. Até há vinte anos eram extremamente pobres a quantidade e a qualidade das informações disponíveis sôbre os idiomas falados em tôda esta imensa área: refletiam a situação característica de todo o continente sul-americano, em que rara era a língua investigada com alguma profundidade por qualquer lingüísta; a grande maioria das informações lingüísticas era de natureza lexical, eram vocabulários ou curtas listas de palavras colhidas por viajantes, por missionários não treinados em estudos lingüísticos ou por antropólogos não lingüistas. E' difícil mencionar um especialista em lingüística descritiva que se tivesse até então detido na análise e descrição de qualquer língua da região. As poucas descrições existentes são devidas sobretudo a missionários e se ressentem muito da falta de método científico.

Contrastando com essa situação, há presentemente cêrca de 150 pesquisadores treinados em lingüística descritiva trabalhando, em campo, com cêrca de 80 línguas indígenas na Amazônia. A grande maioria dêsses lingüistas são membros do Summer Institute of Linguistics (ou Instituto Lingüístico de Verano). O trabalho dessa instituição na área amazônica começou em 1964, na Amazônia peruana; estendeu-se, nos últimos dez anos, para os afluentes do Madeira na Bolívia e para a Amazônia brasileira, para a selva equatoriana e, nestes três últimos anos, para a porção colombiana da área. Há também alguns missionários trabalhando na Amazônia, principalmente na Venezuela, na Guiana e no Brasil, equipados com bom treinamento em lingüística de campo, não pertencentes ao Summer Institute of Linguistics, mas que, em

geral, têm tido ocasião de freqüentar os cursos organizados por êsse instituto nos Estados Unidos ou na Europa.

A nova documentação lingüística resultante dessa considerável intensificação da pesquisa das línguas indígenas vai nos permitir, em breve, o reexame do panorama lingüístico geral da Amazônia em bases realmente sólidas, com o rigor científico necessário, o qual até agora era impraticável dada a natureza dos dados disponíveis. Os empreendimentos classificatórios, ambicionando a grandes sínteses, com a esperança de proporcionar uma visão mais clara da distribuição e das interrelações das línguas e dos povos numa região de grande diferenciação e particular multiplicidade lingüísticas, são certamente os que mais se têm ressentido da indigência da documentação até há pouco prevalecente. Ainda os empreendimentos mais recentes, como os de SWADESH [1] e de GREENBERG [2], basearam-se predominantemente sôbre os documentos precários que têm caracterizado a informação lingüística da Amazônia e da América do Sul em geral. Mesmo uma monografia comparativa tão recente como a de KINGSLEY NOBLE [3], sôbre o grupo Aruak, se baseia quase exclusivamente sôbre material deficiente e fragmentário, exigindo de seu autor verdadeira ousadia na postulação de muitos de seus resultados.

Neste momento nós nos encontramos em meio a uma situação de mudança nos estudos lingüísticos amazônicos. Ainda que iniciada há 20 anos, a mudança que se vem operando na documentação só agora começa a apresentar seus primeiros resultados, e é nos próximos anos que se efetivará o impacto dêsses resultados sôbre o conhecimento lingüístico da Amazônia, especialmente sôbre a classificação lingüística e os problemas correlatos, como os de migração, dispersão e contato. De alguns grupos já há materiais adequados para o empreendimento de estudos comparativos detalhados, os quais já estão sendo aproveitados por lingüistas interessados na comparação e reconstrução lingüística. Entretanto, uma apreciação de conjunto dos grupos lingüísticos da Amazônia

[1] SWADESH, M., 1959, *Mapas de clasificación lingüística de México y las Américas*. Cuadernos del Instituto de Historia, Serie Antropológica n.º 8. Universidad Nacional Autónoma de México. México.

[2] GREENBERG, J., 1960, The general classification of Central and South American Indian languages. *Selected Papers of the Fifth International Congress of Anthropological and Ethnographical Sciences*. University of Pennsylvania Press. Philadelphia.

[3] KINGSLEY NOBLE, G., 1965, *Proto-Arawakan and its descendants. Indiana University Research Center in Anthropology, Folklore, and Linguistics*, Publication 38 (= IJAL 31, 3, part. II). Bloomington.

ainda só é possível, neste momento, partindo do estado de nosso conhecimento imediatamente anterior a esta nova fase da investigação lingüística em que estamos entrando.

A atual paisagem lingüística da Amazônia se caracteriza pela presença maciça de línguas de três dos grandes grupos geralmente reconhecidos como bem definidos na América do Sul — o Aruak, o Karib e o Tupi —, lado a lado ou entremeados com vários grupos de distribuição mais restrita, em sua maioria exclusivamente amazônicos, e com muitas línguas consideradas isoladas ou não classificadas.

Tanto o grupo Aruak como o Karib se estendem para fora da área amazônica, o primeiro no sul e no norte, o segundo sobretudo no norte, mas têm ambos o maior contingente de suas línguas dentro da Amazônia, particularmente ao norte do rio Amazonas. Já o grupo Tupi apresenta uma distribuição nìtidamente limitada ao sul do rio Amazonas, sendo resultado de deslocamentos recentes a presença de representantes seus na Guiana Francêsa (Oiampi-Emérillon) e no alto rio Negro (Nheengatú ou Língua Geral); também êste grupo se estende para fora da Amazônia, pelo sul e a leste. Os principais grupos inteiramente amazônicos são o Xirianá, o Tukano, o Witoto, o Záparo, o Kauapana, o Pano, o Katukina, o Arauá, o Txapakura. Dos grandes grupos não amazônicos, o Jê penetra na parte oriental da área, o Chibcha no noroeste e o Kechua no oeste.

Êste quadro oferecido em rápidas pinceladas, omitindo os detalhes de distribuição geográfica e de constituição interna dos grupos, assim como deixando de lado as línguas ou pequenos grupos isolados ou não classificados, embora extremamente superficial, servirá de ponto de referência para um exame, também rápido, do estado atual da lingüística descritiva na Amazônia.

Um balanço dos estudos descritivos ora em realização revela que o grupo mais estudado está sendo o Aruak, do qual 10 línguas são objeto de investigação. A estas devem devem somar-se mais quatro do grupo Arauá, que se admite esteja vinculado ao Aruak. Das subdivisões do Aruak, é a pré-andina a que está sendo estudada mais intensamente (cinco línguas). As línguas do grupo Karib submetidas a investigação, em número de 6, situam-se na região do Trombetas e do rio Branco, salvo uma das cabeceiras do Xingu, o Kuikuro. Do grupo Tupi estão sendo estudadas 7 línguas, 6 das quais da família Tupi-Guarani e apenas uma, o Munduruku, mais afastada lingüìsticamente dessa família. Dois grupos de menor extensão, com os

quais se está trabalhando intensamente, são o Pano, entre o alto Purus, o alto Juruá e o Ucaiali (particularmente as línguas situadas no Peru), e o Tukano; dêste último tanto as línguas ocidentais, do Putumayo, como as orientais, do Uaupés, e entre estas especialmente as do lado colombiano. Outros grupos menores, de que está sendo investigada mais de uma língua, são o Takana, na Bolívia norte-oriental; o Kauapana, no Huallaga; o Uitoto, no Putumayo; e o Širianá, entre os rios Branco, Negro e Orinoco, de um e outro lado da fronteira da Venezuela com o Brasil. Do grupo Záparo está sendo estudada uma língua, o Arabela. Um idioma amazônico do grupo Jê, o Txukahamãe, no alto Xingu, assim como o Kechua da floresta, no Peru e no Equador, são igualmente objeto de trabalho de campo lingüístico. Também o Jívaro e mais três línguas aparentadas (família Šuara de Loukotka) estão sendo descritos, no Equador e no Peru. E mais umas 20 línguas "isoladas", sobretudo no Peru e no Brasil, mas também na Bolívia, no Equador e na Colômbia.

Êste balanço, conquanto muito superficial, permite-nos fazer uma idéia do notável e alentador desenvolvimento que tomaram e vêm mantendo as pesquisas lingüísticas descritivas na Amazônia nos últimos 20 anos. Dos grupos mais importantes antes mencionados, só o Txapakura ainda não foi objeto de estudos descritivos. Entretanto, uma verificação das áreas importantes ainda não cobertas pelas investigações em curso deve levar em conta, também, não só uma série de línguas "isoladas" ou não classificadas, mas ainda as subdivisões de grupos extensos e complexos como o Aruak e o Tupi. Êste último, segundo a classificação interna atualmente possível [4], se constitui de 8 ramos ou famílias lingüísticas: 1. Tupi-Guarani, 2. Munduruku, 3. Juruna, 4. Arikém, 5. Tupari, 6. Ramarama, 7. Mondé, 8. Puruborá. Dessas famílias, tôdas, com exceção da primeira, ocorrem exclusivamente na Amazônia; a Tupi-Guarani ocorre tanto dentro como fora desta região. Os estudos ora em curso na Amazônia são feitos só com línguas de duas famílias, a Tupi-Guarani e a Mundurukú. As outras 6 famílias, precisamente as que já antes eram as menos conhecidas, continuam a reclamar investigação urgente, já que estão pràticamente tôdas muito perto do desaparecimento completo. Aliás, 5 destas se situam na mesma região onde estão os mem-

[4] Rodrigues, Aryon Dall'Igna, 1964 A classificação do tronco lingüístico Tupi. *Rev. Antropol.*, São Paulo 12: 99-104. Também: "Die Klassifikation des Tupi-Sprachstammes", *Proc. 32nd Intern. Congr. Americanists*. Copenhague, 1959. "Classification of Tupi-Guarani", *Intern. J. Amer. Linguistics*, 24: 231-234, Baltimore, 1958.

bros do grupo Txapakura, a zona entre o rio Guaporé e o Ji-Paraná, ou seja, o atual Território de Rondônia, o qual se revela como a região menos estudada lingüìsticamente na Amazônia.

O grupo Aruak acaba de ser objeto de um primeiro ensaio de classificação interna, por KINGSLEY NOBLE [5]. Êste autor distingue sete ramos dentro do Aruak: 1. Arauá, 2. Taíno, 3. Apolista, 4 Chamikuro, 5. Amuexa, 6. Uru, 7. Maipure. O último, muito mais complexo que os demais, é constituído pelas línguas que até agora vinham sendo aceitas pacìficamente como membros do grupo Aruak, ao passo que os 6 primeiros são formados por línguas cuja afinidade tem sido muito discutida. Dêsses grupos, apenas o Arauá, o Chamikuro, o Amuexa e o Maipure ocorrem na Amazônia, e dêstes os 3 primeiros com exclusividade, à diferença do Maipure, que se estende tanto para o norte quanto para o sul desta região. Dos grupos exclusivamente amazônicos, estão sendo descritos o Arauá (línguas Kulina, Jamamadi, Dani e Paumari), no Peru e no Brasil, e o Amuexa, no Peru. Quanto ao Maipure, de amplitude extraordinária, e, por isso mesmo, comportando grande diferenciação, subdivide-se em 8 seções, 6 das quais em plena área amazônica, ainda que duas delas tendo representantes também fora da Amazônia. Das 6 seções amazônicas, é a pré-andina a que está sendo melhor estudada (5 línguas — Piro, Kampa, Matxigenga, Nomatsigenga, Apurinã — dentre cêrca de 10 conhecidas). Duas línguas são investigadas na porção boliviana da seção meridional (Bauré e Ignaciano). Na seção oriental reúne KINGSLEY NOBLE as línguas Aruak do alto Xingu e mais o Palikur e o Marawan, ambos do Oiapoque, no Território do Amapá e na Guiana Francesa. Destas línguas está sendo investigado o Palikur, mas ainda não foi abordado o estudo descritivo de nenhuma das línguas do alto Xingu [6]. E, o que mais chama a nossa atenção, é que ainda não se está investigando nenhuma das línguas da maior dessas seções, a setentrional, que se estende pelo rio Negro e entre êste e o Solimões.

Há uma série de línguas isoladas ou não classificadas, assim consideradas justamente porque é em extremo precário ou pràticamente nulo o conhecimento que delas temos, as quais estão a ponto de desaparecer dentro de muito pouco tempo, devido ou ao extermínio dos índios que as falam, ou à adoção por êles de outra língua, como o português, o espanhol ou o que-

[5] Vide nota [3].

[6] Segundo informação do Summer Institute of Linguistics, está sendo iniciado o estudo da língua Waurá.

chua. Algumas línguas nessa situação, na área amazônica, são o Trumai no alto Xingu, o Arikapu, o Jaboti, provàvelmente o Kanoé e o Kapixaná, o Uari e o Masaká, no Guaporé; o Auaké e o Máku no rio Branco [7].

Resumindo: as tarefas prioritárias da documentação lingüística na Amazônia são, presentemente, a pesquisa no Território de Rondônia, até agora não visitado por nenhum lingüista e no qual se acham ameaçadas de breve extinção as línguas da família Txapakura, a totalidade das línguas de 5 famílias do grupo Tupi, além de algumas da família Tupi-Guarani, e uma série de línguas isoladas ou não classificadas; a pesquisa na área do rio Negro, especialmente no Uaupés brasileiro e no Içana, e no Japurá; a descrição das línguas aruak do Xingu e a documentação e descrição das várias línguas obsolescentes, isoladas ou não.

Outra ordem de estudos lingüísticos a ser considerada é a comparação. Já tive ocasião de dar a entender que justamente agora, quando começam a acumular-se os resultados das investigações descritivas que caracterizam êste momento da pesquisa lingüística na Amazônia, é que se estão criando as condições necessárias para uma retomada dos estudos comparativos em bases verdadeiramente científicas.

Presentemente vigoram duas orientações distintas na lingüística comparativa. Uma, inspirada mais na experiência adquirida no estudo das línguas indo-européias, se atém a uma aplicação rigorosa do método comparativo, o qual leva à reconstrução da estrutura provável da proto-língua de que procedem as línguas comparadas. A outra, característica de alguns lingüistas norte-americanos, procura descobrir relações muito mais remotas do que aquelas possibilitadas pelo emprêgo estrito do método comparativo e reconstrutivo. Ao passo que os lingüistas afeitos à primeira só tomam como ponto de partida, para concluir pelo parentesco genético de duas línguas, a ocorrência em ambas de elementos que sejam demonstràvelmente cognatos (isto é, devidos a comum origem), os lingüistas da segunda orientação postulam parentesco supostamente genético mesmo onde há semelhanças formais que não se pode, ou ainda não se pode, demonstrar que sejam cognatas. Esta última orientação é a que CARL e

---

[7] ERNESTO MIGLIAZZA acaba de publicar dois estudos sôbre o Máku: "Fonologia Máku", *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi, Antropologia* 25, Belém, 1965; e "Esbôço sintático de um corpus da língua Máku", *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi*, Antropologia, 31, Belém, 1966.

FLORENCE VOEGELIN [8], chamam de "lingüística de filo", já que essas ousadas postulações só ocorrem quando se cogita do estabelecimento de filos (phyla), isto é, agrupamentos de línguas de parentesco muito remoto.

Representantes da lingüística de filo são MORRIS SWADESH e JOSEPH GREENBERG, os quais, como divergência metodológica, sugeriram recentemente o estabelecimento de filos lingüísticos na América do Sul. A classificação proposta por GREENBERG [9], é a mais extremada ou, correspondentemente, a mais abrangente, de vez que pretende situar tôdas as línguas da América do Sul em apenas 3 filos: Macro-Chibcha, Jê-Pano-Karib e Andino-Equatorial. Com isso, postula GREENBERG parentesco remoto entre os grupos Chibcha e Xirianá e as línguas Mura e Warau, incluídos todos, além de outros, no filo Maro-Chibcha; entre o Karib, o Witoto, o Jê, o Pano, o Takana, o Nambikuara e outros, compreendidos no filo Jê-Pano-Karib; e entre o Aruak, o Arauá, o Txapakura, o Tukano, o Záparo, o Kauapana, o Kechua, o Tupi e outros, admitidos no filo Andino-Equatorial. A postulação de tais e tantas conexões é extremamente provocante, já pelo inesperado de muitos de seus detalhes, já pela aparente simplificação do quadro lingüístico sul-americano, geralmente considerado um dos mais complexos do mundo. Por isso mesmo, logo encontrou a classificação de GREENBERG boa receptividade entre os antropólogos e entre alguns lingüistas [10]. Entretanto, ainda não foram publicadas quaisquer evidências para as conexões aí sugeridas. A mim me parece sobretudo temerária a tentativa de GREENBERG, principalmente dada a natureza dos dados sôbre os quais se terá baseado, que não poderiam ser outros senão a velha documentação fragmentária, extremamente deficiente, anterior às pesquisas modernas ora em curso. Isto não significa, é claro, que muitas das proposições de GREENBERG não venham a confirmar-se à luz de dados adequados. Mas é muito provável que, ao mesmo tempo em que isso se der, tenham de ser feitas alterações profundas e substanciais no seu quadro classificatório.

---

[8] VOEGELIN, C. F. & VOEGELIN, F. M., 1965, *Languages of the world: native America fascicle two. Anthropological Linguistics* 7, 7, part I. Archive of Languages of the World, Anthropology Department, Indiana University, Bloomington. Vide p. 131ss.

[9] Vide nota [2].

[10] Antes mesmo de publicada por seu autor, foi adotada por STEWARD e FARON, *Native peoples of South America*, New York, 1959, pp. 22-23, e por SOL TAX na *Encyclopaedia Britannica*, edição de 1958 (cf. também *Current Anthropology* I, 1960, pp. 430-436). C. F. e F. M. VOEGELIN também a adotam em sua recente exposição sôbre as línguas da América nativa, citada acima na nota [8].

SWADESH propôs uma classificação [11], muito mais detalhada que a de GREENBERG, mas em que os numerosos grupos propostos se distribuem em apenas 9 seções para todo o continente americano, das quais 6 ocorrem parcial ou inteiramente na América do Sul: W, C, E, SE, S e SW. Estas seções é que mais se aproximam hieràrquicamente dos filos de GREENBERG, e tôdas elas estão representadas na Amazônia. As discrepâncias entre as duas classificações são consideráveis. Por exemplo — restringindo-nos à consideração dos grupos da Amazônia: enquanto GREENBERG constitui um filo Jê-Pano-Karib, no qual inclui, além dos 3 grupos que lhe emprestam o nome, o Nambikuara, o Uitoto e o Takana, SWADESH coloca o Jê na Seção SE, o Pano e o Takana na seção W, o Karib e o Witoto na Seção S, e o Nambikuara na Seção E.

Na verdade, as classificações de GREENBERG e de SWADESH não são comparáveis, e não tanto porque partem de fundamentos diferentes, mas sobretudo porque nenhum dos dois autores publicou ainda as evidências que os levaram a estabelecê-las. Ainda é cedo para verificá-las mais detalhadamente, justamente porque não há base concreta sôbre que fazê-lo. Entretanto, há algumas situações que já têm podido ser testadas de alguma maneira, as quais às vêzes não favorecem nem uma nem outra classificação. Sirva de exemplo o seguinte caso: GREENBERG inclui o grupo Xirianá no filo Macro-Chibcha e o grupo Txapakura na família Aruak da seção equatorial do filo Andino-Equatorial; SWADESH, porém, reúne o Xirianá e o Txapakura num Macro-Xirianá, situado em sua seção SE, na qual inclui também alguns membros do Andino-Equatorial de GREENBERG, como o Tupi, mas não o Aruak, que para êle pertence à Seção C, juntamente com o Chibcha. Ora, eu mesmo já tive ocasião de verificar, com resultado negativo, a vinculação do Xirianá com o Txapakura proposta por SWADESH [12]. Por outro lado, KINGSLEY NOBLE, em sua recente monografia comparativa do Aruak, embora declarando basear seu método de trabalho na mesma fundamentação teórica de GREENBERG e partindo da classificação dêste, exclui de seu estudo justamente o grupo Txapakura [13]. Um outro grupo importante, com o qual eu tenho trabalhado, é o Tupi. GREENBERG coloca-o, ao lado do Aruak, na seção Equatorial do filo Andino-Equatorial, ao passo que SWADESH o põe na sua Seção SE, onde, como acabamos de ver, não está o

[11] Vide nota [1].

[12] RODRIGUES, ARYON DALL'IGNA, 1960, Über die Sprache der Surára und Pakidái. *Mitt. Mus. Völkerkunde, Hamburg*, 26: 134-138.

[13] Obra citada, p. 9.

Aruak (que é C). No momento estou ordenando as evidências de um vínculo bastante nítido entre o Tupi e o Karib — que é do filo Jê-Pano-Karib para GREENBERG e da Seção S para SWADESH —, ao passo que não me foi possível ainda detectar quaisquer evidências favoráveis a uma maior aproximação do Tupi ao Aruak.

Êstes exemplos dão uma idéia do caráter aleatório dessas classificações de grande amplitude feitas mediante a inspeção de dados inadequados. Os grandes agrupamentos aí postulados devem ser encarados, antes de tudo, como sugestões de possibilidades, com variado grau de plausibilidade, e não como fatos verificados. Neste momento de transição e de desenvolvimento sensível de nosso conhecimento sôbre as línguas da Amazônia e da América do Sul em geral, serão de grande importância essas ousadas classificações de SWADESH e GREENBERG, se, como já salientei em outra oportunidade a propósito da de SWADESH [14], se impuserem como um desafio aos pesquisadores que, ao recolher e elaborar os dados necessários para verificar as múltiplas hipóteses nelas implícitas, ampliarão e aprofundarão o conhecimento das línguas indígenas. A mim me parece que é justamente a aceitação dêsse desafio, conjugada com o aproveitamento dos novos dados oferecidos pela intensa e extensa atividade descritiva em curso, que vai determinar o desenvolvimento da lingüística comparativa da Amazônia e do continente em geral, nos próximos anos.

Com efeito, o estudo comparativo do grupo Aruak, já aqui várias vêzes mencionado, da autoria de KINGSLEY NOBLE, foi feito por sugestão de CHARLES WAGLEY, justamente para tentar obter clareza e segurança num ponto em que havia evidentes conflitos classificatórios. Por outro lado, o maior acúmulo de novos dados referentes a alguns grupos, tem levado à realização de estudos comparativos e reconstrutivos ainda inéditos: IRVINE DAVIS, quando professor visitante da Universidade de Brasília, em 1963-64, elaborou um trabalho dessa natureza sôbre as línguas Jê (que anteriormente tinham sido objeto de um estudo glotocronológico baseado em material muito precário por J. WILBERT), o qual está entregue para publicação no primeiro número da nova revista "Estudos Linguísticos", que deverá aparecer em São Paulo; a lingüista canadense OLIVE SHELL, trabalhando com o Summer Institute of Linguistics no Peru, empreendeu estudo da mesma natureza com as línguas do

---

[14] RODRIGUES, ARYON D., 1963, Os estudos de lingüística indígena no Brasil. *Rev. Antropol.*, São Paulo, 11: 9-21, (vide p. 15).

grupo Pano; no Museu Nacional do Rio de Janeiro, MÍRIAM LEMLE está trabalhando no mesmo sentido com línguas da família Tupi-Guarani, e eu mesmo estou trabalhando com os grupos Tupi e Karib. E' provável que haja ainda outros estudos comparativos em andamento, dos quais não tenho conhecimento.

Para concluir esta exposição e completar esta vista panorâmica do estado atual da pesquisa dos grupos lingüísticos na Amazônia, farei breve referência a um tipo de problemas lingüísticos que até agora não foram objeto de investigações mais detidas, mas que são também dos mais interessantes que oferece a Amazônia ao lingüista. Refiro-me aos problemas aculturativos, criados pelas situações de contatos de línguas. A primeira língua que se impõe à nossa consideração, neste caso, é a Língua Geral ou Nheengatu, a qual, tendo-se tornado língua franca e tendo-se expandido com a ocupação da Amazônia, desde o século 17, não só está marcada em sua estrutura pelos contatos, mas deixou suas próprias marcas em grande quantidade de outras línguas indígenas ao longo de quase todo o curso do Amazonas e de seus afluentes. Embora disponhamos de uma quantidade apreciável de documentos sôbre essa língua, faltam-nos descrições modernas de quaisquer de seus dialetos ainda falados e, sobretudo, informações sôbre a natureza das situações de contato em que ela é falada. Além da região do alto rio Negro, e do Içana, onde ela ainda é bastante usada, mas onde também está em declínio, parece que só em um ou outro ponto da margem esquerda do Amazonas é ela ainda conhecida ou lembrada, mas já quase não se fala.

À diferença da Língua Geral, que foi a língua franca da primeira fase da expansão da sociedade brasileira na Amazônia, com o aspecto, portanto, de "língua de civilização", originalmente estranha às populações indígenas, há nesta região outras línguas que, em situações particulares de contato tribal, tornaram-se línguas francas independentemente da nova sociedade de tipo europeu; casos sôbre que temos informações, mas que ainda não foram estudados, são o do Tukano nos rios Uaupés e Tiquié e o do Makurap no Guaporé. Já o Quechua, usado como língua franca na Amazônia peruana e equatoriana, provàvelmente combina os dois tipos de situação, aproximando-se mais, entretanto, da situação da Língua Geral. Também o contato de línguas no alto Xingu, onde há intensa interação entre idiomas dos grupos Tupi, Aruak, Karib e Zé, e onde é provável que o Kamayurá exerça até certo ponto a função de língua franca, deve ser

estudado cuidadosamente. Objeto não menos importante de investigação lingüística é a aculturação em cada língua indígena que se acha em contato mais ou menos intenso com a "língua de civilização" da região respectiva.

E, por fim, não se deve esquecer que línguas européias, como o português e o espanhol, no processo de expansão em que estão envolvidas, passam por situações de simples contato, assumem freqüentemente o papel de língua franca e, afinal, tornam-se língua única de novas populações, oferecendo, em tôdas essas fases, uma infinidade de características que precisam ser registradas e analisadas para ampliar nosso conhecimento e nossa compreensão dos processos de contato e aculturação lingüística [15].

---

[15] Em sua recente obra sôbre a aculturação indígena, EGON SCHADEN incluiu um capítulo sôbre "A aculturação no plano lingüístico", no qual, ressaltando a falta de estudos, assinala também vários aspectos da aculturação lingüística que merecem ser investigados e aponta mais alguns casos de provável desenvolvimento de línguas francas na Amazônia. Vide EGON SCHADEN, *Aculturação Indígena* (= *Revista de Antropologia* 13), São Paulo, 1965, pp. 185-192.